

Na sombra do Holocausto: genocídio em Gaza

ASSOCIAÇÃO DE AMPARO AOS PRESOS POLÍTICOS PALESTINOS (ADDAMEER) E VÁRIOS AUTORES.

São Paulo: Contrabando Editorial, 2024. 221p.

Jean Tible*

A notável coletânea de textos, organizada pela Contrabando Editorial, sobre o genocídio em curso na Palestina, é parte de uma consistente e coletiva contribuição editorial (junto com as editoras Tabla, Elefante, Sundermann e outras mais) sobre esse assunto urgente e a sua história. Trata-se de um rico material com artigos de intervenção, jornalísticos e acadêmicos, entrevista e relatório, além de mapas de Gaza, da Cisjordânia e da região.

Abre-se com o belo e já clássico poema *Se devo morrer...*, de Refaat al-Areer, professor em Gaza, assassinado em 2023. O contundente prefácio, de Masha Gessen, dá ao livro o seu título. A jornalista russa-estadunidense, judia e não binária reflete sobre a memória em Berlim, segundo a qual o *nunca mais é agora* significa, para as instituições estatais alemãs, apoiar a limpeza étnica na Palestina. E caracteriza Gaza como um gueto – não como o de Varsóvia nem no sentido que se emprega essa palavra nos EUA, mas sim se referindo a um gueto judeu na Europa Oriental ocupada pelos nazistas. Gueto esse sendo agora liquidado,

* Professor do Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: jean-tible@usp.br

desde outubro de 2023. Os palestinos são “os judeus dos judeus”, como colocou o escritor libanês Elias Khoury.

A primeira parte do livro porta sobre a questão carcerária. Um relatório da Addameer (decretada organização terrorista por Israel – uma pessoa palestina pode ser presa ao participar de alguma atividade sua ou simplesmente por elogiá-la), trata das sistemáticas violações dos direitos humanos após o 7 de outubro de 2023 e das condições ainda mais duras de encarceramento (penas, acesso a advogados, interrogatórios, tortura), frequentemente com detenções administrativas (sem acusação, nem julgamento), inclusive de crianças. A entrevista com a militante Layan Kayed do Al-Qutub (polo estudantil democrático-progressista), presa a caminho da Universidade de Birzeit para onde se dirigia para retirar o seu diploma, traz a sua experiência (tanto estudantes quanto presos políticos possuem papel importante na luta palestina) e perspectivas sobre a universidade e a educação populares. O texto da ativista brasileira (filha de palestinos), Soraya Misleh, apresenta Islam Hamad, brasileiro-palestino encarcerado em Israel (um dos mais de nove mil) pela primeira vez aos 17 anos e, depois, novamente, dessa vez pela Autoridade Nacional Palestina. Hamad chegou a cumprir pena, demorando para ser solto para, pouco depois, voltar para uma prisão israelense.

A segunda parte é composta por sete intervenções. Os intelectuais Gilbert Achcar e Rashid Khalidi analisam os impactos imediatos da nova fase da guerra contra a Palestina, na perspectiva das lutas de libertação contra o imperialismo. A *organizer* [militante] Daphan Trier, resgatando as contribuições do Matzpen, descarta as esperanças de aliança com os trabalhadores israelenses, por ser esta uma classe colonizadora que se beneficia da acumulação às custas da população nativa, de uma limpeza étnica que, em seus primórdios, foi dirigida pelo sionismo socialista, e de um mercado de trabalho altamente estratificado em uma economia armamentista (um décimo da economia sendo diretamente ligado a essa indústria). Já os professores Noura Erakat, Darryl Li e John Reynolds estudam as interseções entre dominação racial, questão palestina e direito internacional. Jornalistas de luta, Lina Attalah, Yuval Abraham, Sarah Lazare e Maya Shenwar fecham a primeira edição. A autora egípcia trata dos planos de transferência da população de Gaza para o Sinai (em operação), enquanto o autor israelense (coautor, junto com Basel Adra, do premiado documentário *No other land*) desvenda o macabro uso da inteligência artificial na matança, que permite atingir 15 mil alvos em 35 dias – para a decisão de alvejar, basta a suspeita da presença de algum militante do Hamas (mesmo que centenas de pessoas se encontrem no mesmo local). Como já dizia James Baldwin, qualquer habitante de um bairro negro é pantera ou todo vietnamita é vietcongue. Por fim, as estadunidenses Sarah Lazare e Maya Shenwar, na senda da longa tradição da crítica da esquerda judaica ao sionismo, apontam a impossibilidade de haver segurança em uma sociedade que tem o seu pilar no etnonacionalismo.

Na segunda edição, agregam-se mais três artigos: dois, dos pesquisadores Adam Hanieh e Timothy Mitchell, sobre o petróleo. Hanieh, jordaniano radicado na Inglaterra, considera o petróleo uma questão-chave para compreender as últimas décadas no chamado Oriente Médio e o apoio inabalável dos EUA a Israel, por este ser o representante do imperialismo fóssil na região. Mitchell, britânico que vive nos EUA, pensa o papel central do petróleo para as (im)possibilidades democráticas. No terceiro capítulo que se soma à segunda edição, Avi Shlaim, da fundamental turma dos novos historiadores israelenses, discorre sobre o escolasticídio (onze universidades destruídas, além de um sem-número de escolas e outros sítios afins) e sobre o que ele denomina de guerra contra crianças – 25 mil órfãs –, mencionando a sinistra sigla WCNSF (crianças feridas sem parentes sobreviventes).

Esse livro ajuda a nos situarmos em uma das questões cruciais do nosso tempo: o que fazer frente a mais esse genocídio (com a funesta novidade de ser transmitido em tempo real)? O que clamam Gaza, Cisjordânia e Palestina para o planeta? Um ângulo primordial se encontra na solidariedade internacional e na pressão necessária sobre os governos e empresas que apoiam ativamente o massacre em andamento. Em um lugar onde cães famintos já aprenderam que haverá defuntos depois de cada bombardeio e, por isso, seguem os rastros das bombas (assim como os tubarões perseguiram os navios negreiros que passavam no meio do Atlântico), colonialismo e tortura são indissociáveis, como dizia Fanon. E, no caso em questão, vão se mostrando requintes maiores de crueldade (fome como arma de guerra e destruição de hospitais e campos de cultivo, de sítios arqueológicos e mesquitas, além das casas e toda a infraestrutura da vida elementar).

Palestina lá, Palestina aqui. Israel como um posto avançado securitário, laboratório bélico, com incidência planetária. *Globalize intifada. Not in our name.* Um movimento precioso pelas vidas palestinas brotou em quase toda parte e é extremamente atacado na Inglaterra, França e, principalmente, nos EUA. Mais uma vez, o sintoma palestino indica a degradação da democracia “realmente existente”, em um caminho firme e sustentado em uma direção cada vez mais tirânica e macarthista. Esses são terrenos decisivos, pois sendo Israel colonial, os EUA e a Europa Ocidental podem ser considerados suas metrópoles. É o que insiste Khalid, ao apontar a linha de cor da parca importância das vidas pretas, árabes e muçulmanas. Isso se expressa na frase de um ministro israelense ao caracterizar os palestinos como “animais humanos”. O compasso ético nos coloca, evidentemente, sempre do lado dos animais.

O diplomata palestino Elias Sanbar, em conversa com Deleuze, cria um paralelo entre os povos palestino e os povos ameríndios, ajudando a explicar a aliança EUA-Israel pela partilha de um destino manifesto, sionista-cristão, de destruição dos mundos nativos, confinados em reservas e campos de refugiados. A observação perspicaz de Sanbar ganha ainda mais intensidade ao levarmos em conta a força de resistência de ambos – os povos indígenas são, nas Américas, a

força que mais se opõe à guerra capitalista, ao exporem sua incompatibilidade existencial com esse sistema político-econômico. Uma dignidade ancestral se manifesta tanto nos mitos ameríndios como na literatura/poesia árabes e são o seu alicerce. A Palestina e nós. Lutar pela palestina, honrar esse martírio e sua reexistência (*sumud*) significa estar com os povos da terra, aqui e lá.

Pela vida e contra o massacre colonial-racial-capital (Denise Ferreira da Silva). Nessa via, irrompe um possível encontro subversivo atravessando tempos e espaços, em três letras. Bento de Spinoza e a potência herética e dissidente da democracia da multidão. Boicote, desinvestimento e sanções, em sua proposta de ação, inspirada na épica vitória na África do Sul para a desejada e imediata derrubada do apartheid.